

Capítulo 2

Compreensão de cultura

Introdução

A noção de cultura recebe muitos e distintos significados; seja em nosso dia a dia como nas ciências que a estudam. Não vamos aqui desdobrar o leque desses significados, nem entrar nas discussões em torno dos conceitos de cultura. Restringiremo-nos a identificar algumas abordagens que nos ajudarão a delimitar uma compreensão de cultura, que nos permita articular o tema da inculturação como categoria teológica básica, para nosso estudo do feminismo na Igreja.

Em primeiro lugar, distinguiremos dois significados básicos de cultura, comumente usados: um mais restrito e um mais abrangente. Em seguida, focalizaremos a compreensão mais abrangente, na perspectiva antropológica, identificando algumas teorias que apontam para a pluralidade das culturas; e, na perspectiva filosófica, ressaltando a unidade do ser humano como ser cultural. Veremos também, ainda que esquematicamente, a relação entre cultura e sociedade, destacando a questão da ligação de cultura com relações de poder; e, a compreensão de cultura no atual contexto multifacetado e globalizado. Considerando os diversos enfoques, sublinharemos uma compreensão de cultura, que articula elementos sublinhados por distintas perspectivas, e que são fundamentais para o tema da inculturação. Por fim, faremos uma referência ao tema da cultura moderna, como uma mudança de paradigma em meio a relações de poder, e como uma cultura patriarcal, portadora de um conflito cultural.

1. Cultura: sentido restrito e sentido abrangente

Na visão humanista clássica, a noção de cultura significa o cultivo do espírito e da inteligência: a educação, o aperfeiçoamento de faculdades humanas, o cultivo dos recursos intelectuais e morais dos indivíduos e dos grupos humanos. A própria palavra cultura vem do latim *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar. Cultura significa o cuidado com a natureza (agricultura), o cuidado com os deuses (culto), e ainda o cuidado e a educação das crianças (puericultura: *puer* significa menino, *puella*, menina)¹. Essa noção de cultura num sentido mais restrito é ambivalente: por um lado, vigora com sentido de criação de obras da sensibilidade e da imaginação – as obras de arte – e com a criação das obras da inteligência e da reflexão – as obras de pensamento. A partir dessas concepções é comum identificar cultura e escola; cultura e belas artes (música, pintura, escultura, dança, literatura, teatro, cinema, etc.)². Por outro, é utilizado de forma ideológica para uma classificação hierárquica e discriminatória, na qual algumas pessoas têm cultura, outras não, algumas mais, outras menos.

A partir do século XIII, alguns usaram a palavra cultura como sinônimo de civilização, entendida como o processo progressivo de desenvolvimento humano, um movimento em direção ao refinamento e à ordem. Por trás deste sentido emergente estava o espírito do iluminismo e a sua confiante crença no caráter progressista da Era Moderna³. Cultura e civilização foram, no entanto, usados também com significados distintos: por alguns, cultura foi associada aos aspectos espirituais, artísticos e intelectuais, e civilização, aos aspectos materiais, às atividades técnico-econômicas; por outros, no sentido inverso⁴.

E. Tylor, em 1871, sintetiza os dois significados, articulando-os numa visão abrangente de cultura; na qual, concebe todas as possibilidades de realização humana como cultura, e não apenas os processos intelectuais e artísticos. Além disso, ressalta que não se trata de um fenômeno *natural*, mas de algo que se adquire na sociedade

¹ CUESTA, M. Sánchez. Cultura. In: VILLA, Mariano M. (dir.). **Dicionário de pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2000, 174-176.

² MARILENA, Chauí. Cultura. In: ____ **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002, 288-296.

³ CUESTA, M. Sánchez. Cultura, 174-176.

“Cultura ou civilização, tomada em seu sentido etnográfico amplo, é aquele todo complexo que compreende conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro de uma sociedade”⁵.

Não obstante a contribuição de Tylor para o desenvolvimento da antropologia cultural, sua concepção não rompe a visão positivista dos fins do século XIX, presa aos pressupostos iluministas ligados à crença numa evolução moderna universal. As diferentes culturas eram classificadas hierarquicamente com nítida vantagem para as culturas européias⁶.

Como reação à visão evolucionista, surge uma nova concepção antropológica, indicando que cada cultura possui sua lógica, sua visão, seu horizonte de significados e sentidos. Passa-se, então, a falar de culturas, em vez de cultura no singular⁷. Isso não significa concebê-las como grandezas totalmente fechadas diante de outros e distintos horizontes de significados e sentidos, nem um relativismo cego que acha que *as trivialidades são tão boas quanto a poesia*⁸.

2. Cultura na perspectiva antropológica

Dada a complexidade do fenômeno cultural, os conceitos multiplicaram-se tanto que uma das principais tarefas da antropologia recente tem sido reconstruir o conceito de cultura, fragmentado por numerosas reformulações⁹. As tentativas modernas de chegar a uma precisão conceitual foram agrupadas por Roger Keesing nas seguintes vertentes teóricas¹⁰.

Cultura como um *sistema adaptativo*. Apesar de divergências entre si, um grupo de antropólogos concebe culturas fundamentalmente como sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos), que servem para adaptar as

⁴ Sobre os debates em torno das questões de cultura e civilização em: KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSC, 2002, 45-71.

⁵ TYLOR, Edward, B. **Primitive culture I**. London, 1871, 1.

⁶ LARAIA. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, 1986, 30-36.

⁷ KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**, 35-37.

⁸ Ver uma interessante crítica de Geertz intitulada “Anti anti-relativismo”. GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 47-67.

⁹ Sobre o conceito de cultura, LARAIA. **Cultura**, 25-52.

¹⁰ Theories of Culture. **Annual Review of Anthropology** 3 (1974) 73-97.

comunidades humanas à sua base biológica e ao ecossistema. Inclui tecnologias, modo de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e de organização política, crenças e práticas religiosas e assim por diante. A mudança cultural representa um processo de adaptação dos grupos humanos dentro dos ecossistemas específicos. Trata-se de um enfoque que privilegia os fatores econômicos e seus correlatos sociais sobre os elementos de idéias e de símbolos do sistema cultural, como a religião, a visão de mundo, sistema normativo e organização política.

Cultura como um *sistema cognitivo*. Um segundo grupo de antropólogos concebe cultura como um sistema de conhecimento, aquilo que as pessoas precisam conhecer ou acreditar para atuar de acordo com a sociedade na qual estão inseridas. Cultura não se identifica com um fenômeno material, com artefatos, comportamentos ou emoções. É antes um modelo de conhecimento, de percepção, interpretação ou de crenças, que estão por trás dos eventos observáveis e descritíveis. Conhecer uma cultura requer decifrar os códigos mentais desse modelo.

Cultura como *sistema estrutural*. Essa perspectiva foi amplamente desenvolvida por Lévi-Strauss. As culturas são consideradas sistemas simbólicos que a mente humana criou num processo de acumulação. As “estruturas mentais inconscientes” seriam universais, e estariam subjacentes a todas as culturas, cujas diferenças estariam no nível das manifestações concretas.

Cultura como *sistemas simbólicos*. Um dos autores mais importantes dessa teoria é o antropólogo americano Clifford Geertz. Cultura é aqui entendida como um sistema *de símbolos e de sentidos* (significações), partilhados pelos membros de um grupo humano. Para Geertz, esses sentidos e significados não estão internalizados reflexamente nas pessoas. Acham-se incorporados na sua ação e na interação entre elas, enquanto são atores sociais. Estudar a cultura é antes identificar esses códigos de significados na vida e, sobretudo, em determinados eventos privilegiados e densos da vida do grupo, é interpretar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

Esse autor colocou, no centro dos discursos antropológicos, o caráter simbólico da cultura. Para ele, a cultura é uma “hierarquia de estruturas significativas” feitas de ações, símbolos e sinais, assim como de manifestações

verbais, conversações e solilóquios; uma teia de significados tecida pelas mesmas pessoas que nela vivem. Os fenômenos culturais são vistos, acima de tudo, como formas simbólicas. E, a análise da cultura é entendida como a interpretação dos padrões de significados presentes nessas formas. Uma interpretação de um mundo que já é descrito e interpretado pelas pessoas que fazem parte desse mundo¹¹.

Nestas três acepções de cultura como sistema de idéias, sistemas estruturais e, sobretudo, nesta de Geertz, como sistemas de sentidos e símbolos, é reconhecido também um plano material, econômico e ecológico. Nesse sentido, não apontam para a cultura, como uma superestrutura que se concretiza em diferentes expressões sociais, nem para uma oposição entre o plano das idéias e dos símbolos e os planos materiais¹².

A partir dessas três abordagens, não é difícil perceber no feminismo um fato cultural e fator de cultura, na medida em que recria comportamentos, visões de mundo, sistema de símbolos e significados.

3. Cultura na perspectiva filosófica

A antropologia cultural estuda fenômenos culturais concretos, e aponta para a diversidade e a historicidade das culturas. A teologia da inculturação requer compreender a diversidade das culturas, em vista de compreender a diversidade de experiências da fé. Mas também requer uma visão de cultura que nos aponte para uma unidade do humano na diversidade das culturas¹³. Aqui, entra a antropologia filosófica, que indaga pela Cultura como mundo humano. Trata-se de uma ciência que não parte dos fenômenos culturais diretos, mas sim, de resultados das pesquisas da antropologia cultural¹⁴. O qual inclui uma crítica a pressupostos implícitos, nas teorias elaboradas pelos antropólogos, porém, o que nos interessa agora não é essa crítica, senão a visão mais unitária de cultura que ela nos oferece.

A partir do sentido histórico-antropológico de cultura, e também de um

¹¹ GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, 15.

¹² AZEVEDO, Marcelo de Carvalho. **Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé**. São Paulo: Loyola, 1996, 324.

¹³ *Ibid.*, 331-336.

sentido mais restrito ligado ao sentido de cultivo do espírito, a antropologia filosófica compreende cultura, como sendo a maneira pela qual os humanos se humanizam¹⁵.

O ser humano é um ser cultural. Não existem, e nunca existiram mulheres e homens vivendo sem cultura, na imediatez da natureza, direcionados por instintos seguros; somente sobrevivem e se realizam pela cultura, porque há um tempo se recebem da natureza, construindo-se. A cultura permite ao ser humano encontrar-se no mundo, interpretando-se a si mesmo e interpretando o mundo, no nível das representações e no nível dos sinais vividos. Também é mediante a cultura, que o ser humano confere finalidade e sentido às realidades¹⁶.

“Como ser-no-mundo, o ser humano só se realiza por meio do mundo, e ao se realizar humaniza o mundo. A atuação desse processo é o que chamamos *cultura*. Ele envolve tanto os meios para a ação humana, como também a finalidade e o sentido que tal ação imprime a esse processo. Nada disso acontece isoladamente, já que o ser humano se realiza sempre no interior de uma comunidade”¹⁷.

A cultura como caminho de humanização é o processo de realização do ser humano em relação com o Outro. O Outro é a Natureza, os outros Humanos, o Transcendente¹⁸.

“Com a palavra “cultura” indica-se a maneira particular como num povo, os seres humanos cultivam suas relações com a natureza, entre si mesmos e com Deus, de modo que possam chegar a um nível verdadeiro e plenamente humano”¹⁹.

Essas relações, quando humanizadoras, não se dão apenas no nível da utilidade prática, mas também na experiência da gratuidade. Relações no âmbito da festa e do lazer, da estética, da arte, da música, e enfim, dos sentimentos e da partilha.

¹⁴ Sobre o método da Antropologia Filosófica, ver RABUSKE, Edvino A. **Antropologia Filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2001, 15-19.

¹⁵ MARILENA, Chauí. *Cultura*, 295.

¹⁶ RABUSKE, Edvino A. O homem – um ser de cultura. In: ___ **Antropologia Filosófica**, 41-65.

¹⁷ MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé: uma abordagem teológica**. São Paulo: Loyola, 2001, 46.

¹⁸ MARILENA, Chauí. *Cultura*, 295.

¹⁹ **Documento da III Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano, celebrada em Puebla no México (DP)**. Petrópolis, Vozes, 1985, n. 264.

Muitos antropólogos articulam fenômeno cultural e fenômeno social como âmbitos de relações a um tempo distintos e inter-religados. Thompson, em sua antropologia social, ressalta que as formas simbólicas sempre se realizam em contextos históricos estruturados²⁰. E, em certas circunstâncias sócio-históricas, os símbolos e as representações são mobilizados para construir e manter relações de dominação²¹. Para o Documento de Puebla, a própria cultura carrega essas contradições, na medida em que é constituída por valores e por contra-valores²².

A antropologia filosófica, a partir dessas e outras contradições culturais e sociais, aponta para o ser humano. Como ser cultural, é um ser situado. Ao se realizar, tem que contar com a resistência do real e com os condicionamentos de sua liberdade finita²³, no âmbito pessoal e comunitário. O estar situado, biologicamente, culturalmente e socialmente é, ao mesmo tempo, possibilidade de realizar seu ser na abertura ao transcendente e condicionamento.

A visão filosófica que nos aponta o ser humano como um ser que não existe na imediatez da natureza, mas na natureza construída culturalmente, é pressuposto fundamental para a compreensão das diferenças sexuais. A diferença entre mulher e homem também não existe na imediatez da natureza, mas culturalmente construída. A naturalização da configuração histórica das diferenças sexuais funcionou de forma ideológica para manter subjugações.

4. Cultura e contexto sócio-histórico

Cultura e sociedade, para muitos antropólogos, são domínios identificáveis separadamente e com características próprias, mesmo que inter-relacionados; e, comumente, articulados no conjunto de um sistema sócio-cultural. Isso não significa compreender os símbolos como uma superestrutura que se concretiza de modo diferente, nas manifestações concretas da sociedade, nem achar que existe uma concordância sem mais entre expressões sociais e sistemas simbólicos

²⁰ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000, 192.

²¹ *Ibid.*, 79.

²² **DP**, n.265.

²³ RABUSKE, Edvino A. O homem como liberdade finita. In: **Antropologia Filosófica**, 115-117.

culturais.

A sociedade tem sido mais associada aos aspectos da organização política e econômica. Inclui a organização do trabalho e da produção, os processos de urbanização, o fenômeno da vida no campo, etc. E a cultura mais associada aos sentidos e símbolos, aos valores e padrões²⁴.

Sociedade e cultura se entrelaçam formando um único sistema sócio-cultural. Uma se enraíza e se expressa na outra. Muitas vezes, porém, se instaura uma dicotomia entre ambas. Isso acontece quando é introduzida, numa sociedade, uma organização sócio-política que, em sua inspiração e configuração institucional, está em desacordo com a cultura na qual vive a maioria dos grupos que formam essa sociedade. Efetua-se, então, um desacordo entre a organização social concreta e a cultura da maioria das pessoas²⁵. Mais do que uma dicotomia entre cultura e sociedade, trata-se de uma organização social que tem como referência prioritária a cultura de grupos socialmente privilegiados.

O capitalismo neoliberal, por exemplo, mais do que não levar em conta povos e grupos, procura *adaptar-se* às diferentes culturas, cooptando o conjunto de símbolos e sentidos que são o coração das culturas, em função dos interesses do mercado. Todavia, os grupos humanos não são apenas agentes passivos diante da proposta neoliberal, eles também reagem influenciando criticamente em sua realização concreta²⁶. Com isso, entramos num aspecto muito importante para o nosso estudo posterior da inculturação da fé no feminismo, a saber, o entrelaçamento das relações sociais de poder e de conflito na realização da cultura. Seguiremos a reflexão desenvolvida por John B. Thompson.

Esse autor, partindo da definição de Geertz, sublinha que os sistemas de símbolos e de sentidos são *produzidos, transmitidos e recebidos* em contextos sócio-históricos, nos quais estão implicadas relações de poder e de conflitos²⁷.

²⁴ ORTIZ, Renato. As ciências sociais e a cultura. **Tempo social** 14 (2002) 19-32.

²⁵ AZEVEDO, M. de C. **Comunidades Eclesiais de Base**, 357.

²⁶ ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2003, 35. O grifo é nosso. Todo o texto quer mostrar que, na prática, as culturas reagem e influem no modelo único de desenvolvimento.

²⁷ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**, 181-193.

“As formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas”²⁸.

Os contextos e os processos são estruturados de várias maneiras. Podem estar caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades, e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. Por isso, a interpretação do sentido das formas simbólicas implica uma análise de contextos e processos socialmente estruturados²⁹.

O sentido das formas simbólicas pode ser mobilizado em circunstâncias sócio-históricas específicas para estabelecer e sustentar relações de dominação. É o que Thompson define como fenômeno ideológico. Na medida em que o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas para *estabelecer e sustentar* relações de dominação de classe, de gênero, de etnias, etc., temos a ideologização da cultura.

As formas simbólicas não são em si ideológicas, como alguns autores chegaram a afirmar – por exemplo, para alguns autores, a religião é em si ideológica. Mas elas se tornam ideológicas sempre que, no cruzamento com relações de poder, em circunstâncias particulares, são direcionadas para estabelecer e sustentar relações de dominação³⁰.

O critério para sustentar relações de dominação é geralmente entendido, explícita ou implicitamente, em termos de relações de *classe*. Para Marx, são as relações de dominação e de subordinação de classe, que constituem os eixos principais da desigualdade e exploração nas sociedades humanas em geral, e nas sociedades capitalistas em particular. Mas as relações de classe são apenas uma *forma* de dominação e subordinação, constituem apenas *um eixo* da desigualdade e da exploração; não é, de modo algum, *a única* forma de dominação e subordinação. Existem muitas outras. Por exemplo, as relações entre os sexos, entre os grupos étnicos, entre Estados-nação hegemônicos e outros Estados-nação,

²⁸ Ibid., 192. Com a expressão *formas simbólicas*, o autor se refere a uma ampla variedade de fenômenos significativos: desde ações, gestos e rituais até manifestações verbais, textos, programas de televisão e obras de arte. Cf. na mesma obra, 183.

²⁹ Ibid., 181.

³⁰ Ibid., 77-79.

localizados à margem do sistema global, etc.³¹ O feminismo cunhou a categoria “gênero” para visibilizar a especificidade das relações entre os sexos³². Além disso, ressalta a importância do uso sistêmico de todas as categorias, porque nenhuma forma de relação acontece sem que esteja entrelaçada com outras.

Contudo, em contextos sócio-históricos de desigualdade e opressão, as formas simbólicas também podem ser direcionadas para estabelecer e sustentar resistências e caminhos de superação de sistemas de opressão. Isso pode ocorrer tanto explicitamente de modo articulado e organizado, como implicitamente nas trocas simbólicas do dia a dia³³. O Feminismo surge como reação cultural crítica, diante das estruturas sociais patriarcais e dos sistemas simbólicos androcêntricos.

Se cultura e situações concretas se entrelaçam, uma influenciando na outra, as demarcações de unidades culturais são muito mais complexas do que aquelas que comumente são reconhecidas.

5. Identidade cultural num mundo multifacetado

Como compreender as identidades culturais no contexto moderno de fragmentação ou em processo de fragmentação, e de interligação global, cheio de identidades instáveis e ligações incertas?

Segundo Geertz, é necessário, em primeiro lugar, reconhecer as diferenças de maneira mais explícita, e não obscurecida numa coletividade mais ampla de um país, de uma região, de uma etnia, de uma religião, de uma associação, etc. Segundo, perceber a diferença *não* como negação da semelhança, seu oposto, seu contrário, e sua contradição, mas abrangendo-a, concretizando-a, dando-lhe forma. Estamos numa era de emaranhados dispersos, de uma multiplicidade de maneiras de reunir identidades culturais. Novas linhas são traçadas enquanto as antigas se apagam, o catálogo de identificações disponíveis se expande, contrai-se, muda de forma, ramifica-se, involui e se desenvolve. E as identidades que persistem

³¹ Ibid., 77.

³² BEDIA, Rosa Cobo. “Gênero”. In: AMORÓS, Célia (org.). **10 palabras clave sobre mujer**. Navarra: Verbo Divino, 2000, 55-83.

³³ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**, 90-91.

alteram-se em seus laços, seu conteúdo e seu sentido interno³⁴.

“O “panorama mundial” hodierno se caracteriza por um paradoxo: está ficando cada vez mais global e mais dividido, mais completamente interligado e mais intrinsecamente compartimentado, ao mesmo tempo. O cosmopolitismo e o provincialismo já não se opõem; ligam-se e se reforçam. À medida que aumenta um, aumenta o outro”³⁵.

O desenvolvimento da tecnologia, especialmente da tecnologia das comunicações, teceu o mundo numa só rede de informações e causalidade, de modo que, qualquer mudança, num lugar qualquer, pode provocar distúrbios em qualquer outro lugar. Essa vasta conexão e essa complexa interdependência são chamadas, com base nos criadores de slogans dos estudos culturais, de “aldeia global”, ou, com base nos criadores de slogans do Banco Mundial de “capitalismo sem fronteiras”. Mas como ela não tem unidade nem tradição, bordas nem foco, faltando-lhe uma inteireza, trata-se de uma aldeia precária. Nela, não há um afrouxamento nem uma redução das demarcações culturais, mas há sim, uma reelaboração e uma multiplicação, e mesmo uma intensificação dessas demarcações culturais³⁶.

A diversidade cultural, portanto, persiste e se prolifera, mesmo em meio e até em respostas às poderosas forças de vinculação do “mundo globalizado”. No entanto é bem mais difícil hoje delimitar as unidades culturais contrastadas umas com as outras. Na maioria das regiões do mundo de grandes tradições culturais, ricas, distintas e historicamente profundas, há uma coexistência com uma progressão interminável de diferenças dentro de diferenças, divisões dentro de divisões, misturas dentro de misturas. Praticamente em todas as sociedades e países atuais, há uma pluralidade de vertentes culturais e, em cada vertente, diferenças dentro de diferenças. São diferenças provindas de etnias, religiões, situação social, associações, movimentos, etc. Nessa “diversidade profunda” (Charles Taylor), as vinculações não são abrangentes, nem uniformes, primordiais, nem imutáveis, mas que apesar disso são reais³⁷.

O Movimento Feminista, como movimento político, se tornou também um

³⁴ GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*, 198.

³⁵ *Ibid.*, 215-216.

³⁶ *Ibid.*, 216-217.

fato cultural e um fator de cultura. Também ele formado por diferenças dentro de diferenças, com vinculações incertas, mas reais.

Tendo distinguido vários enfoques sobre o fenômeno cultural, e tendo destacado algumas implicações contextuais, na compreensão desse fenômeno, nossa intenção é delimitar agora uma concepção de cultura, a partir da qual faremos o estudo da inculturação da fé no feminismo.

6. Delimitando uma compreensão de cultura

Tomamos como referência o conceito de cultura elaborado por Marcelo Azevedo, que traz à luz elementos fundamentais para a compreensão do fenômeno da inculturação. Pretendemos, no entanto, explicitar melhor alguns aspectos importantes para o estudo do feminismo como fato cultural e fator de cultura.

Marcelo articula, em sua definição, as principais tendências antropológicas, a saber: a visão de cultura como sistema de símbolos e significados e como sistema de valores e padrões; o conjunto de sentidos e valores e os fenômenos perceptíveis da prática social (modos de proceder, costumes, técnicas, instrumentos etc.) e da comunicação (linguagem, símbolos, etc).

“Cultura é o conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo social concreto, conjunto que consciente ou inconscientemente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservado assim como foi recebido ou transformado efetiva ou pretensamente pelo próprio grupo”³⁸.

Os sentidos e os valores estão subjacentes aos fenômenos de ação e de comunicação. Toda cultura é, então, formada por elementos explícitos e implícitos: os primeiros são a linguagem, os símbolos e rituais, os objetos, os gestos, o modo de trabalhar, de descansar etc.; e, os últimos são os sentidos, as crenças, os valores, os medos, a visão de mundo, a concepção ética da vida, etc. Os dois planos não são independentes entre si, ao contrário, formam um sistema

³⁷ Ibid., 217.

que constitui e traduz a identidade cultural de um grupo humano, seja ele étnico, nacional, institucional ou associativo³⁹.

Porém, à luz do pensamento de Thompson, podemos dizer que esse *conjunto de sentidos e significados, valores e padrões...* é vivido, assumido, transmitido, transformado... no contexto de relações de poder e conflito⁴⁰. Em certas circunstâncias, as formas simbólicas são mobilizadas para sustentar e criar relações de domínio. Em outras palavras, a cultura se torna ideológica⁴¹. Porém, em circunstâncias históricas de dominação sistêmica, as formas simbólicas também podem ser mobilizadas para criar e sustentar resistências ou práticas libertadoras. Isso não significa que as formas simbólicas são sempre em si neutras e que podem ser mobilizadas para dominação ou para a libertação.

O feminismo, como movimento libertário, é fruto de relações de conflito. Ao reagir contra estruturas sociais de domínio, também reage contra os sistemas simbólicos e os padrões de vida, que funcionam para sustentar e legitimar a dominação.

Outro aspecto importante, para nossa compreensão de feminismo como fato cultural, tem por base a reflexão de Geertz sobre identidades culturais. Não existem apenas as modalidades tradicionais de reunir, de demarcar identidades culturais. Ao contrário, no atual contexto de fragmentação e interligação global, algumas modalidades se apagam, outras se modificam, e ainda surgem novas demarcações de identidades dentro de identidades⁴². O Feminismo, como movimento político, também representa um fato cultural, que nasce em contexto de relações de conflito, e vai elaborando no tempo “um conjunto de sentidos e valores, de modelos, de símbolos e padrões”⁴³.

³⁸ AZEVEDO, M. de C. **Comunidades Eclesiais de Base**, 336.

³⁹ Id. **Viver a fé cristã nas diferentes culturas**. São Paulo: Loyola, 2001, 27.

⁴⁰ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**, 181-193.

⁴¹ Ibid. 78.

⁴² Cf. o item 5, acima.

⁴³ AZEVEDO, M. **Viver a fé cristã**, 27-28.

7. Cultura moderna

O termo cultura se torna impreciso para caracterizar o fenômeno da modernidade, pois em seu arco se desenvolveram múltiplas e distintas culturas em todo o mundo. Por exemplo, a cultura moderna no Brasil não se desenvolveu como se desenvolveu na Europa. O mesmo acontece dentro do próprio Brasil e também dentro da Europa. O fato é que as tradições e costumes recebidos dos antepassados, as diferentes culturas estão hoje sob influência da modernidade. E, por sua vez, em cada contexto, a modernidade recebe influência das culturas locais.

Dada a radicalidade das mudanças que a modernidade representa, são comuns reações polares: uma supervalorização de tudo o que é moderno pelos admiradores da evolução, do progresso e do desenvolvimento, e uma recusa de tudo o que está associado à modernidade pelos que vêem nela a destruição do meio ambiente natural, a dilapidação dos recursos naturais, a repressão do “humano”, a dominação do ser humano pela técnica, a destruição das diferentes culturas. Ainda que sejam pouquíssimos os que na prática recusem os benefícios da tecnologia⁴⁴. A segunda reação, teoricamente, apresenta a modernidade com idéias de um ceticismo desiludido ou com uma visão extremamente dramática. Entre essas atitudes totalizantes, surgiram posições mais modestas e criteriosas rumo a uma nova compreensão da situação sócio-cultural emergente⁴⁵. São os que partem de uma visão de modernidade não como um bloco monolítico diante do qual só vale tudo ou nada, mas como um processo por demais complexo no qual intervêm muitos elementos⁴⁶.

No último grupo, muitos/as autores/as reconhecem a realidade dos desafios da modernidade, em suas reais possibilidades, sem ignorar aquelas ciladas que já nos mostraram os múltiplos esforços críticos: desde a tendência niilista e as anti-humanistas (morte do ser humano em certo estruturalismo), até a crítica da “razão instrumental”, com suas conseqüências opressivas para a convivência humana (exploração do trabalho, desigualdades em vários níveis,

⁴⁴ RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*, 61.

⁴⁵ GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*, 194-195.

⁴⁶ TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2000, 20-25.

entre classes, entre países, etc.) e para a própria natureza (ameaça atômica, crise ecológica)⁴⁷.

A modernidade representa, portanto, um processo de *mudança de paradigma*, que, na opinião de muitos autores, tem como núcleo mais determinante e talvez o dinamismo mais irreversível a progressiva *autonomia* alcançada por distintos estratos ou âmbitos da realidade. Além disso, a realidade não só se mostra dotada de uma legalidade intrínseca, que garante sua autonomia, como também radicalmente histórica e evolutiva⁴⁸.

Para outros autores, a mudança de paradigma está mais na pós-modernidade, que surge como reação radicalmente crítica da modernidade ilustrada, incluindo a perspectiva marxista, que só realizou fragmentariamente seu ideal de emancipação humana. A pós-modernidade traz em seu bojo uma crise dos sistemas globais de sentido e orientação, sublinha a tolerância, o pluralismo e a relativização. Como reação ao cientificismo moderno e suas conseqüências, surgiram movimentos corretivos que puseram em relevo a complexidade, a particularidade e a corrupção política da realidade, e um olhar mais sistêmico ou holístico da realidade.

O processo no seu todo complexo - moderno e pós-moderno - incide no cristianismo em todas as culturas. Quando as Igrejas começaram um caminho de renovação e de adaptação à modernidade ilustrada, valorizando a racionalidade moderna, a práxis e a subjetividade, se expandiu o pensamento pós-moderno, que radicalizou antigas questões, e trouxe à luz novas. Nesse contexto, se impôs ao cristianismo de forma irreversível a necessidade de enfrentar as mudanças. Um movimento que se dá de muitas maneiras, entre resistências a mudanças e recriações fecundas da vida cristã; entre possibilidades inusitadas e ambigüidades; entre renovação crítica e simples acomodação sócio-cultural.

A modernização que modificou os marcos geopolíticos e está interligando a todos numa só rede de comunicação, não representa a realização de uma única cultura mundial. Ao contrário, a diversidade cultural, sob o impacto da modernidade, persiste e se prolifera, mesmo em meio e até em respostas às

⁴⁷ Ibid., 24-25.

⁴⁸ Ibid., 20-25.

poderosas forças de vinculação do “mundo globalizado”⁴⁹. Por um lado, as conquistas da modernidade representam uma poderosa força para subjugar e manipular culturas de grupos minoritários. Por outro lado, os povos marginalizados não são agentes unilateralmente passivos. Como resultado, nós temos um mundo cada vez mais global e mais dividido, mais completamente interligado e mais intrinsecamente compartimentado, ao mesmo tempo⁵⁰. Outras culturas são subjugadas pela cultura ocidental européia no contexto sócio-histórico de relações de domínio, de sistemas colonialistas e imperialistas.

Muitas vezes, as contradições das sociedades contemporâneas são associadas ao fato de terem adotado a ciência moderna como base de sua organização. Porém, não é o saber científico em si que gerou relações de domínio e trouxe ameaças para a sobrevivência humana, mas é o fato de que seu desenvolvimento em grande parte se deu em contextos de relações de domínio. São essas relações que fazem do conhecimento científico, alma da modernidade, não um saber fundador, mas uma ideologia⁵¹.

O feminismo, por um lado se inspira nos ideais emancipadores e democráticos da modernidade, por outro representa um dos movimentos mais críticos diante das contradições da modernidade ilustrada, incluindo vertentes socialistas. Ao criticar a modernidade, compartilha alguns elementos com movimentos pós-modernos; porém, mantendo com eles uma relação muito crítica, pois se mostram igualmente contraditórios para as mulheres, e para caminhos de uma sociedade mais igualitária. A modernidade, portanto, proclama a igualdade fundamental entre os seres humanos, e defende ideais democráticos; e, ao mesmo tempo, abriga poderosos sistemas de domínio.

Maturana ressalta que a cultura moderna, na qual vive grande parte da humanidade hoje, é uma cultura patriarcal. Mas é portadora de um conflito cultural permanente que representa nossa possibilidade para fazer uma reflexão e realizar uma profunda mudança cultural⁵². Esse conflito resulta de duas raízes

⁴⁹ GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*, 215-217.

⁵⁰ *Ibid.*, 215-216.

⁵¹ CHAÚÍ, MARILENA. *Cultura e democracia*, São Paulo: Cortez, 2001,3-13.

⁵² Veja-se o precioso texto do autor sobre Cultura patriarcal, surgimento e manifestação atual: MATURANA, Humberto, R. *Conversaciones Matristicas e Patriarcales*, MATURANA, Humberto, R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amor y Juego: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia*. Santiago (Chile): Instituto de Terapia Cognitiva, 19-69.

culturais distintas: patriarcal e *matrística*⁵³.

Os elementos puramente patriarcais, presentes em nossa cultura moderna, são os que fazem de nossa vida uma coexistência que valoriza *a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação dos recursos, e a justificação racional do controle e da dominação dos outros através da apropriação da verdade*; tornam nossa vida centrada em exigências de trabalho, de êxito, de produção e eficácia; tecem uma divisão de gênero, na qual os meninos devem se fazer competitivos e autoritários, e as meninas devem se fazer serviçais e submissas⁵⁴.

“Nessa cultura, a divisão de gênero é vivida como se fosse natural: a *masculinidade* é identificada com a força e a dominação, e a *feminilidade* com a debilidade e a emoção. Os meninos devem se fazer competitivos e autoritários, as meninas devem se fazer serviçais e submissas. O *feminino* se tornou equivalente ao cruel, ao decepcionante, o não confiável, o caprichoso, o pouco razoável, o pouco inteligente, o débil, o superficial, enquanto o *masculino* se tornou o equivalente ao puro e honesto, ao confiável, ao reto, ao razoável, ao inteligente, ao forte e ao profundo”⁵⁵.

Esses elementos puramente patriarcais presentes em nossa cultura, tão bem visualizados pelo autor que estamos indicando, acentuam nossa tendência humana ao poder como domínio e controle em relação aos demais.

Mas, segundo Maturana, a cultura européia ocidental desde suas origens possui também uma raiz cultural, que ele a denomina *matrística*. Uma cultura que não foi completamente extinguida pelo patriarcado. Sobreviveu aqui e ali, particularmente permaneceu nas relações entre as mulheres e submergida na intimidade das interações mãe-filho até o momento em que o menino e a menina devem entrar na vida adulta, onde o patriarcado aparece em sua plenitude. A

⁵³ “A palavra *matrística* conota uma situação cultural na qual a mulher tem uma presença mística que implica a coerência sistêmica acolhedora e libertadora do maternal fora do autoritário e do hierárquico. A palavra *matrística*, portanto, é contrária à palavra *matriarcal*, que significa o mesmo que a palavra *patriarcal*, numa cultura na qual as mulheres têm o papel dominante. Em outras palavras, a palavra *matrística* é usada para referir-se a uma cultura na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrada numa cooperação não hierárquica, precisamente porque a figura feminina representa a consciência não hierárquica do mundo natural a que pertencemos os seres humanos, numa relação de participação e confiança, não controle nem autoridade, na qual a vida cotidiana é vivida numa coerência não hierárquica com todos os seres vivos”. MATURANA, Conversaciones, 19.

⁵⁴ *Ibid.*, 24-50.

⁵⁵ *Ibid.*, 48.

tradição *matrística* se mantém em relações baseadas no respeito, na aceitação mútua, no respeito por si mesmo, na preocupação pelo bem estar do outro e no apoio mútuo, na colaboração e no compartilhar. Esse modo de conviver permanece, ainda que continuamente negado, criando um conflito cultural permanente e, que representa nossa possibilidade de mudança⁵⁶.

A cultura matrística se manifesta hoje, em nosso falar moderno *de participação, inclusão, colaboração, compreensão, acordo, respeito e conspiração (=inspiração comum)*. A presença dessas palavras em nossa linguagem indica que essa cultura também nos pertence, apesar de nosso viver na agressão⁵⁷. Ela manifesta nosso desejo humano de relações de mútua cooperação, e de convivência social democrática.

Atualmente, muitas nações declararam a democracia como sua forma preferida de governo. Sem dúvida, a prática atual da democracia, como uma coexistência responsável no respeito mútuo e no respeito à natureza que em sua realização traz consigo, permanece hoje em dia em muitas nações como mero desejo escrito, ou só parcialmente realizada, devido à sua negação direta ou indireta através de uma larga história política, centrada na apropriação, na hierarquia, na dominação, na guerra e no controle. O que torna difícil o viver em democracia é que as pessoas que a querem viver, estão culturalmente enraizadas no patriarcado⁵⁸.

Conclusão

A cultura é um conjunto de sentidos e significados, valores e padrões produzidos, transmitidos e recebidos em contextos sócio-históricos, nos quais estão implicadas relações de poder e conflito. Com a atual interligação de um mundo globalizado, a diversidade cultural não desapareceu; ao contrário, persiste e se prolifera numa multiplicidade de maneiras de reunir identidades culturais.

A diversidade de culturas aponta para o ser humano – homem e mulher: seres que não existem na imediatez da natureza, mas se realizam criando-se

⁵⁶ Ibid., 48.

⁵⁷ Ibid., 23-27.

⁵⁸ Ibid., 58-62.

culturalmente. Cada cultura contribui para expressar possibilidades do mundo humano, o qual não se realiza sem que nele apareçam contradições.

A modernidade como um movimento complexo de mudança de paradigma influi em todas as culturas, mas também recebe influência das culturas locais. Ao se desenvolver em contextos sócio-históricos de relações de domínio, ampliou os poderes de dominação, gerando contradições tão graves que desencadeou uma crise global. Em sua esteira também surgem continuamente incontáveis movimentos críticos que mantêm um conflito sócio-cultural permanente.

O feminismo se inspira nos ideais emancipadores e democráticos da modernidade, mas surge como um dos movimentos mais críticos das contradições da modernidade. Como movimento de emancipação e libertação das mulheres se realiza tecendo uma cultura e influenciando para uma mudança global.